



## A LÍNGUA EM USO: O GRAU DE ESCOLARIDADE NA REPRODUÇÃO DOS FENÔMENOS LINGUÍSTICOS EM LÍNGUA PORTUGUESA

Bruna Marcelly Andrade Azevedo Oliveira (UEPA)<sup>1</sup>  
[bruna.marcelly16@hotmail.com](mailto:bruna.marcelly16@hotmail.com)

Dimitri Cassiano Lima Oliveira (UEPA)<sup>2</sup>  
[dimitricassiano@gmail.com](mailto:dimitricassiano@gmail.com)

Mauro Cezar Moraes de Lima (UEPA)<sup>3</sup>  
[cezarlima@yahoo.com](mailto:cezarlima@yahoo.com)

Pedro Paulo Santos de Souza (UEPA)<sup>4</sup>  
[souzacpedro@gmail.com](mailto:souzacpedro@gmail.com)

Raquel Gomes Corrêa (UEPA)<sup>5</sup>  
[quelgomes08@gmail.com](mailto:quelgomes08@gmail.com)

Valéria Graucilene Ferreira da Fonseca (UEPA)<sup>6</sup>  
[lely\\_cca@yahoo.com.br](mailto:lely_cca@yahoo.com.br)

Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva (UEPA)<sup>7</sup>  
[cardoso\\_socorro@yahoo.com.br](mailto:cardoso_socorro@yahoo.com.br)

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo principal descrever e analisar a ocorrência de fenômenos linguísticos na fala de sujeitos analfabetos e escolarizados, cujos critérios são: sujeitos mulheres, sendo três com ensino superior completo e três analfabetas, com idade acima 50 anos e residentes da cidade de Belém. Para isso, foi realizado um estudo bibliográfico, o qual teve como fundamentação teórica: Bagno (2006) e Bechara (2009). A metodologia utilizada foi do tipo de análise quali-quantitativo, sob o aporte da pesquisa de campo; houve também, a coleta de dados por meio do Questionário Fonético e Fonológico

<sup>1</sup>Graduanda do Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa do Centro de Ciências Sociais e Educação da Universidade do Estado do Pará (UEPA). [bruna.marcelly16@hotmail.com](mailto:bruna.marcelly16@hotmail.com)

<sup>2</sup>Graduando do Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa do Centro de Ciências Sociais e Educação da Universidade do Estado do Pará (UEPA). [dimitricassiano@gmail.com](mailto:dimitricassiano@gmail.com)

<sup>3</sup>Graduando do Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa do Centro de Ciências Sociais e Educação da Universidade do Estado do Pará (UEPA). [cezarlima@yahoo.com](mailto:cezarlima@yahoo.com)

<sup>4</sup>Graduando do Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa do Centro de Ciências Sociais e Educação da Universidade do Estado do Pará (UEPA). [souzacpedro@gmail.com](mailto:souzacpedro@gmail.com)

<sup>5</sup>Graduanda do Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa do Centro de Ciências Sociais e Educação da Universidade do Estado do Pará (UEPA). [quelgomes08@gmail.com](mailto:quelgomes08@gmail.com)

<sup>6</sup>Graduanda do Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa do Centro de Ciências Sociais e Educação da Universidade do Estado do Pará (UEPA). [lely\\_cca@yahoo.com.br](mailto:lely_cca@yahoo.com.br)

<sup>7</sup>Doutora em Semiótica e Linguística Geral na Universidade de São Paulo (USP). Docente e pesquisadora da Universidade do Estado do Pará (UEPA) e Universidade da Amazônia (UNAMA). [cardoso\\_socorro@yahoo.com.br](mailto:cardoso_socorro@yahoo.com.br)



(QFF), composto de 159 perguntas. A partir disto, transcrevemos as repostas e analisamos como e com que frequência ocorreram os fenômenos na pronúncia dos sujeitos investigados. Posteriormente à análise dos dados obtidos, observou-se que dentre os oito fenômenos averiguados, quatro ocorreram na fala dos sujeitos analfabetos e três ocorreram na fala dos sujeitos com ensino superior, isto é, os primeiros sujeitos se diferenciam dos segundos porque realizaram um fenômeno a mais. Com isso, observamos que a diferença é ínfima na fala dos sujeitos analfabetos e dos sujeitos com ensino superior completo. Portanto, a relevância deste estudo não é ir contra o ensino da Gramática Normativa, mas sim, nos fazer perceber que embora a ortografia de cada palavra seja uma só em cada país, cada falante terá o seu jeito particular de pronunciá-la.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fenômenos linguísticos. Variação linguística. Fala. Sujeitos.

**ABSTRACT:** This work has as main objective describe and analyze the occurrence of linguistics phenomena in the speech of illiterate and educated subjects, whose criteria are: female subjects, three with complete higher education and three illiterate, aged over 50 and residents of the city of Belem. For that, a bibliographic study was carried out, which had as theoretical basis: Bagno (2006) and Bechara (2009). The methodology used was of the type of quali-quantitative analysis, under the contribution of the field research; there was also the collection of data through the Phonetic and Phonological Questionnaire (QFF), composed by 159 questions. From this, we transcribe the answers and analyze how and how often the phenomena in the pronunciation of the investigated subjects occurred. After analyzing the data obtained, it was observed that among the eight phenomena investigated, four occurred in the speech of illiterate subjects and three occurred in the speech of subjects with higher education, that is, the first subjects differ from the second because they performed a phenomenon a more. Finally, was observed that the difference is negligible in the speech of illiterate subjects and subjects with complete higher education. Thus, the relevance of this study is not to go against the teaching of Normative Grammar, but rather, to make us realize that although the spelling of each word is only one in each country, each speaker will have their own particular way of pronouncing it.

**KEYWORDS:** Linguistics phenomena, Linguistics variation. Speech. Subjects.

## Introdução

A partir do conhecimento de que o preconceito linguístico em relação às pessoas de baixa escolaridade está muito presente na sociedade brasileira, propomos um estudo com o objetivo de analisar os fenômenos fonético-fonológicos nas falas de seis mulheres, acima de 50 anos e moradoras de Belém, sendo três analfabetas e três com ensino superior, através da aplicação do QFF (Questionário Fonético-Fonológico) contendo 159 perguntas como instrumento para coleta de dados, com o intuito de analisar e compreender como as entrevistadas pronunciam determinadas palavras. A ênfase maior, entretanto, será na variante grau de escolaridade a fim de descobrirmos se indivíduos analfabetos são os únicos reprodutores desses fenômenos linguísticos, ou se há uma relação entre sujeitos analfabetos e com ensino superior completo, uma vez que



compreendemos a dinamicidade da fala e as variações linguísticas existentes na Língua Portuguesa.

Os gramáticos, que são os apoiadores de uma língua única, ou seja, a norma padrão, em um território com tantas diferenças, não levam em conta que cada um tem sua cultura, então consideram ‘errado’ falar, em algumas ocasiões, *cabeleileiro*, ao invés de cabeleireiro ou *lora* ao invés de loira (entre outras palavras que são pronunciadas na velocidade e simplicidade que é a língua falada).

O estudo é baseado em uma análise quali-quantitativa, pois associa a coleta de dados em uma observação qualitativa (levantamento de dados de acordo com um contexto sociocultural dos sujeitos) e quantitativa (prioriza o apontamento numérico e a frequência em que determinado fenômeno ocorre em cada indivíduo). Nossa pesquisa buscou compreender e analisar alguns fenômenos linguísticos e a frequência em que eles ocorrem na fala dos sujeitos entrevistados. Tais fenômenos linguísticos estudados foram retirados do livro *A Língua de Eulália* de Marcos Bagno, que são: a rotacização do L nos encontros consonantais; a transformação de LH em I; a transformação do ND em N e do MB em M; a redução do ditongo OU em O; a redução do ditongo EI em E; a redução do E e O -átonos pretônicos; a desnasalização das vogais postônicas e a contração das proparoxítonas em paroxítonas. Todos os fenômenos foram analisados de acordo com a argumentação e ideias da gramática de Bechara (2009), e do linguista Bagno (2006).

## 1. As duas faces dos fenômenos linguísticos

Outrora os fenômenos linguísticos da fala eram marginalizados como instrumentos de pesquisa da língua, atualmente, entretanto, mesmo com a preservação da perspectiva normativa da Língua Portuguesa, há um maior espaço destinado ao estudo desses fenômenos. Para tanto, efetivamos uma pesquisa acerca das duas concepções distintas de tais fenômenos -uma linguística, analisada por Bagno (2006) e a outra gramatical, estudada por Bechara (2009)-, a fim de tornar clara as definições e situações as quais estão inseridos.

A priori, o fenômeno estudado é a rotacização do /l/ nos encontros consonantais o qual ocorre quando há a permutação do /l/ por /r/ em sílabas com duas consoantes juntas, sendo uma delas o próprio /l/. O gramático Bechara (2009) afirma que essa troca só pode ocorrer do /l/ pelo /r/ nos encontros consonantais em grupos como *bl*, *cl*, *fl* e *pl*, como por exemplo, *claro/craro*, *placa/praca* e *flauta/frauta*. E isso, segundo ele, somente acontece em textos literários, uma vez que o autor possui licença poética, podendo, portanto, moldar as estruturas linguísticas e transformá-las de acordo com seus objetivos literários. Entretanto, partindo de uma análise sociolinguística desse fenômeno, Bagno (2006) afirma que este é um fenômeno linguístico muito comum, e também uma tendência natural que pode acontecer a partir da transformação, tanto do /l/ pelo /r/, quanto do /r/ pelo /l/ dos encontros consonantais. O autor justifica a existência desse fenômeno pela derivação latina das palavras, pois se no latim existia um /l/, hoje temos em seu lugar um /r/ e vice-versa, dando exemplo da palavra *igreja* que no latim era *ecclesia*. Diante disso, não deve haver o discurso de ser errado reproduzir o fenômeno do rotacismo, uma vez que há uma explicação histórica da língua para tal fato.

A transformação do /ʎ/ em /i/, segundo fenômeno analisado, não é estudado de fato por Bechara (2009), dando apenas uma definição sobre dígrafo, emprego de duas letras para a representação gráfica de apenas um fonema, o qual é de suma importância para a compreensão do fenômeno. LAUSBERG (1981 *apud* Bagno, 2006), explica a transformação do /ʎ/ em /i/, o qual diz que o /ʎ/ é difícil de pronunciar por causa da elasticidade do dorso da língua. Portanto, a facilidade é maior ao pronunciar *coier* ao invés de “colher”, entre outros. Essa é uma marca linguística e cultural muito resistente dessas pessoas que pronunciam palavras como *trabaio*, *abeia* e *paia* em lugar de “trabalho”, “abelha” e “palha”. Esse fenômeno, na Linguística, é chamado de palatização - fenômeno particular de assimilação sofrido por certas vogais e consoantes em contato com um fonema palatal-, já que /ʎ/ é uma consoante palatal, isto é, pronunciada quando há o contato da língua com o palato duro.

Prosseguindo com o fenômeno da transformação do ND em N e MB em M analisamos que de acordo com uma visão gramatical explicada por Bechara (2009)

ocorre quando a letra diacrítica -possui na escrita, porém não é pronunciada- junta-se à outra para lhe dar valor fonético especial, nos dígrafos consonantais, ou seja, tanto o /n/ quanto o /m/, ao se ligarem ao /d/ e /b/, tornam-se letras diacríticas, ocasionando com que os próprios fonemas diacríticos “excluem” /d/ e /b/ com o objetivo de se juntarem a um fonema, de preferência uma vogal, que permita com que sejam pronunciados, daí a palavra “comendo” que se transforma em *comeno*. Já a perspectiva de Bagno (2015) diz que os fonemas /n/ e /d/ pertencem a uma mesma família de consoantes que são chamadas dentais, e os fonemas /m/ e /b/ são bilabiais. Por serem produzidas na mesma zona de articulação, essas consoantes vão sofrer o ataque de uma força muito viva na língua, a assimilação, que seria a confusão criada pelos falantes por conta dessa semelhança de articulações dos fonemas analisados nesse fenômeno.

Todos os fenômenos propostos nesse artigo podem ser justificativos pela dinamicidade da língua, ou seja, pela rapidez e simplicidade da oralidade. Porém, Bagno (2006) especifica tal explicação aos fenômenos da redução de ditongos, que podem ser a redução do ditongo OU em O e redução do ditongo EI em E, afirmando que a pronúncia de /ou/ transformou-se em /o/ e a pronúncia de /ei/ transformou-se em /e/. Todavia, para ambos, Bechara (2009) somente se preocupa em descrever o conceito de ditongo que, conforme o estudioso cita, é o encontro de uma vogal e de uma semivogal ou vice-versa na mesma sílaba, tendo como exemplos: “pai”, “mãe”, “água”, “cárie”, “mágoa”, “rei”. A explicação linguística da realização das reduções dos ditongos, que pode ser denominada como monotongação, também é citada por Faraco e Moura (2001), quando afirmam que é uma tendência natural da língua ocorrer a redução dos ditongos decrescentes /ei/ em /e/ e /ou/ em /o/, ou seja, o que na escrita é “tesoura”, na fala (na maioria das vezes) torna-se *tesora*.

Antes de analisarmos o fenômeno da redução do /e/ e /o/ átonos pretônicos, devemos destacar o que são “átonos” e “pretônicos”. Quando pronunciamos uma palavra verificamos que há uma sílaba forte, chamada sílaba tônica, as outras são pronunciadas de maneira mais fraca e assim chamadas de átonas. Já os pretônicos são encontrados em uma sílaba que vem antes da sílaba tônica. Bechara (2009), afirma que o fenômeno da redução do /e/ e /o/ átonos pretônicos está dentro do estudo da *ortoépia*



ou *ortoepia*, a qual trata da “correta” pronúncia dos fonemas, não somente isso, mas também trata do conhecimento exato dos valores fonéticos dos fonemas que entram na estrutura dos vocábulos, considerando isoladamente também a enunciação da oração, ritmo, entoação e expressão no que convém à boa elocução. Ele trata, portanto, os átonos pretônicos explicando apenas de maneira superficial, considerando como oscilantes os fonemas /e/, /i/, /ẽ/, /ĩ/, /o/, /u/, /õ/ e /ũ/ os quais são reduzidos a pretônicos em vários vocábulos, devido a fatores que podem ser tanto culturais ou sociais em que o indivíduo falante está inserido.

No entanto, contraponto a ideia gramatical de Bechara, iremos analisar a visão linguista de Bagno (2006). O linguista alega que a presença de um /i/ e de um /u/ na sílaba tônica faz com que as vogais átonas pretônicas escritas /e/ e /o/ se reduzam e sejam pronunciadas /i/ e /u/, isso por conta de um fenômeno chamado harmonização vocálica, que é a tendência dos sons de se equilibrarem dentro de uma mesma escala de sonoridade. Na língua portuguesa, portanto, quando as vogais /e/ e /o/ são pretônicas, sofrem o que chamamos de redução: elas são pronunciadas de maneira mais fraca e soam como um /i/ e um /u/. Por isso, a palavra “emprego” é pronunciada como *imprego*. Para comprovar essa ideia, Bagno (2006) faz a seguinte observação: “[...] a língua escrita é só uma representação simbólica da língua falada, e não um retrato fiel dela. Por isso, embora a ortografia de cada palavra seja uma só no país, cada falante brasileiro de português terá seu modo particular de pronunciá-la.” (p. 95).

Adiante, a desnasalização das vogais postônicas tem uma explicação apenas do Bagno (2006), uma vez que Bechara (2009) faz somente uma análise acerca do que são palavras nasais, relatando que são aquelas que soam como ditongo nasal, por exemplo, “homem”, “vintém”, “parabéns” e “refém”. Bagno (2006), por sua vez, diz ser uma tendência natural, durante a fala na Língua Portuguesa, contrair a nasalidade das vogais que estão depois da sílaba tônica. Desse modo, é um fenômeno totalmente comum entre os falantes nativos de Língua Portuguesa, sendo observado nas diversas camadas da sociedade.

Por fim, a contração das proparoxítonas em paroxítonas é um fenômeno que também é justificado pela rapidez da fala. Bagno (2006) afirma que, pela aceleração do



ritmo da fala, as vogais que se encontravam depois da sílaba tônica foram sendo pronunciadas cada vez mais fracas até desaparecerem por completo. Em contrapartida, Bechara (2009) segue com suas definições a respeito das palavras paroxítonas e proparoxítonas, sendo as primeiras aquelas cuja a sílaba tônica é a penúltima, já a segunda são aquelas cuja a sílaba tônica se encontra na antepenúltima posição, sendo sempre identificada por uma acentuação. Portanto, o fenômeno é reproduzido quando vemos, por exemplo, “fósforo” sendo pronunciado como *fósfro*.

Com base nos fenômenos discutidos, partindo de duas perspectivas -linguística e gramatical-, é errôneo atribuir aos falantes reprodutores desses fenômenos que estão errados ou são desprovidos do conhecimento da gramática normativa, haja vista que cada fenômeno estudado tem um motivo de ocorrência, principalmente no que se refere à dinamicidade da língua, pois a modalidade oral é privilegiada pela sua simplicidade, aceleração e dinamismo. A sociolinguística, portanto, permitindo o englobamento das variações linguísticas e dessas concepções das práticas da fala, é um estudo eficaz e justo para os fenômenos linguísticos, uma vez que é consequência de vários fatores, sejam eles internos ou externos, complementando com a ideia de Cezario e Votre (2016):

“[...] a variação não é vista como um efeito do acaso, mas como um fenômeno cultural motivado por fatores linguísticos (também conhecidos como fatores estruturais) e por fatores extralinguísticos de vários tipos [...]. A variação ilustra o caráter adaptativo da língua como código de comunicação e, portanto, a variação não é assistemática. O linguista, ao estudar os diversos domínios da variação, deve demonstrar como ela se configura na comunidade de fala, bem como quais são os contextos linguísticos e extralinguísticos que a favorecem ou que a inibem.” (CEZARIO E VOTRE, 2016, p. 141).

## 2. Análise dos dados<sup>8</sup>

Para a realização desse estudo, foi aplicado o Questionário Fonético-Fonológico (QFF), composto por 159 perguntas para seis sujeitos, sendo todas do sexo feminino, com mais de 50 anos e residentes de Belém, as três primeiras são

---

<sup>8</sup>As palavras destacadas em negrito demonstram que o fenômeno analisado ocorreu.

identificadas por -S1, S2 e S3- analfabetas e as três últimas -S4, S5 e S6- com ensino superior completo. O questionário foi executado a fim de analisar a pronúncia das entrevistadas, para só assim investigar a incidência ou não dos fenômenos linguísticos.

A partir das entrevistas aplicadas nos sujeitos, verificamos que não foi observado a ocorrência da rotacização do /l/ nos encontros consonantais, fenômeno considerado por Bagno (2005) como uma tendência natural da língua. Vemos que as palavras prateleira, clara, planta, placa, bicicleta, procissão e braguilha são possibilidades para que houvesse a ocorrência desse primeiro fenômeno. Entretanto, não houve a permutação do /l/ por /r/ nos encontros consonantais, pois todos os entrevistados pronunciaram da seguinte forma as 6 palavras: 33- ['klarΛ]; 40- ['plãtΛ]; 70- ['plakΛ]; 71- [bisi'kletΛ] e 107- [prosi'sãw], conforme mostra a tabela abaixo:

TABELA 1: ROTACIZAÇÃO DO L NOS ENCONTROS CONSONANTAIS						
Pergunta	Sujeito 1	Sujeito 2	Sujeito 3	Sujeito 4	Sujeito 5	Sujeito 6
3	[pratʃe'lerΛ]	[pratʃi'lerΛ]				
33	['klarΛ]					
40	['plãtΛ]					
70	['plakΛ]					
71	[bisi'kletΛ]					
107	[prosi'sãw]					
142	[bah'giΛΛ]			[bra'giΛΛ]		[bah'giΛΛ]

No fenômeno da palatização, em que ocorre a transformação de /k/ em /i/, também se observou ausência de reprodução em todos os sujeitos entrevistados. De acordo com a tabela 2 abaixo:

TABELA 2: TRANSFORMAÇÃO DE LH EM I						
Pergunta	Sujeito 1	Sujeito 2	Sujeito 3	Sujeito 4	Sujeito 5	Sujeito 6
23	['zreΛΛ]					
25	[ko'Λeh]	[ku'Λeh]				

44	[α'beΛΛ]		
80	[traba'lah]		
112	['oΛU]		
114	[o'reΛΛ]		
122	[zu'eΛU]		
129	[mu'leh]		
139	['veΛU]		
142	[bah'giΛΛ]	[bra'giΛΛ]	[bah'giΛΛ]
154	[ba'ruΛU]		

Adiante, percebe-se também que o fenômeno da assimilação, em que há a transformação de ND em N e MB em M, não foi observada em nenhuma fala de nossos entrevistados, portanto eles não reproduziram o fenômeno em seu modo de falar. Como podemos visualizar na tabela 3, verbos em gerúndio como “fervendo”, “remando”, “fazenda” e “dormindo”, e substantivos como “bandeira”, “pernambucano” e “umbigo”, não sofreram o fenômeno da assimilação.

Pergunta	Sujeito 1	Sujeito 2	Sujeito 3	Sujeito 4	Sujeito 5	Sujeito 6
27	[feh'vedU]					
52	[re'mãdU]					
53	[fã'zẽdΛ]					
91	['bãderΛ]					
92	[pehnãbu'kãU]					
121	[ũ'bigU]					
148	[doh'mĩdU]					

Já o fenômeno da redução do ditongo OU em O, também chamado de monotongação, esteve presente apenas na palavra 6- “tesoura” em que S1 pronunciou [ti'zorΛ], enquanto que S2 e S3 pronunciaram [te'zorΛ], todos os três classificados como analfabetos. Contudo, outras duas palavras como: 115- “ouvido” e 116- “loura” não

sofreram o fenômeno por esses sujeitos, e nem pelos sujeitos com ensino superior completo (S4, S5 e S6).

Vale salientar que, observando a pronúncia dos sujeitos, verificamos que há divergências quanto aos pensamentos de muitos indivíduos quando fazem alusão de que só fala “errado” quem não tem escolaridade, isso porque as palavras 115- “ouvido” e 136- “loura” foram pronunciadas de acordo com a tão valorizada norma padrão por todos os sujeitos entrevistados, assim descontruindo esse pensamento e sendo uma contrariedade para tal. Como confirmação, vemos na tabela 4 abaixo:

TABELA 4: REDUÇÃO DO DITONGO OU EM O						
Pergunta	Sujeito 1	Sujeito 2	Sujeito 3	Sujeito 4	Sujeito 5	Sujeito 6
6	[ti'zorΛ]	[te'zorΛ]		[te'zowrΛ]		
115	[ow'vidU]					
136	['lowrΛ]					

O fenômeno da redução do ditongo EI em E foi realizado na fala de todos os sujeitos entrevistados, entretanto, há uma disparidade entre sujeitos analfabetos e escolarizados ao concretizarem o referido fenômeno em suas falas.

Dentre as palavras analisadas, em3- “prateleira”, 35- “manteiga”, 91- “bandeira”, 100- “companheiro” e 146- “beijar”, ocorreu monotongação na fala de todos. Além disso, o fenômeno também se realizou na pronúncia da palavra 50- “peixe”, sendo produzido somente pelas três mulheres analfabetas como [ˈpeʃɪ]. Já na palavra 12- “torneira”, a eliminação da semivogal no ditongo foi realizada na fala do S1 e do S3, ambos são analfabetos e pronunciaram [toh'nerΛ]. Enquanto na palavra 24- “peneira” foi realizada essa eliminação apenas na fala do S3 e S6, sendo este com nível superior completo e aquele analfabeto, pronunciando como [ˈpenerΛ]. Não houve a incidência do fenômeno nas palavras 8- “travesseiro”, 47- “teia”, 83- “prefeito”, 94- “correio”, 117- “peito” e 141- “meia”. Segue a tabela 5:

TABELA 5: REDUÇÃO DO DITONGO EI EM E

Pergunta	Sujeito 1	Sujeito 2	Sujeito 3	Sujeito 4	Sujeito 5	Sujeito 6
3	[pratʃe'lerΛ]	[pratʃi'lerΛ]				
8	['traviseyrU]	[trave'seyrU]				
12	[toh'nerΛ]	[toh'neyrΛ]	[toh'nerΛ]	[toh'neyrΛ]		
24	['peneyrΛ]		['penerΛ]	[pe'neyrΛ]		['penerΛ]
35	[mã'tezΛ]					
47	['teyΛ]					
50	['peʃI]			['peyʃe]		
83	[pre'feytU]					
91	['bãderΛ]					
94	[ko'ReyU]					
100	[kõpã'nerU]					
117	['peytU]					
141	['meyΛ]					
146	[be'zΛ]					[be'zΛh]

A respeito da redução do E e O -átonos pretônicos, também há ocorrência na fala dos seis sujeitos com determinações em alguns vocábulos.

As palavras 37- ‘bonito’, 67- ‘estrada’, 122- ‘joelho’, 149- ‘assovio’ e 158- ‘esquerdo’, foram oralizadas pelos sujeitos pesquisados fazendo-se presente o fenômeno em questão. Somente na fala da S1 aconteceu variação nas palavras: 6- ‘tesoura’, 87- ‘borracha’, 106- ‘mentira’ e 123- ‘ferida’, sendo esta entrevistada analfabeta de 87 anos, de idade mais avançada em relação às outras. Todavia, exclusivamente a S1, não procedeu o fenômeno da monotongação na palavra 3- ‘prateleira’. A S2 por sua vez, que também é analfabeta, não realizou a variável linguística na palavra 81- ‘emprego’, ela, juntamente com S1, realizaram a variação na palavra 8- ‘travesseiro’. Prosseguindo, apenas S3, que também possui baixa escolaridade, realizou o fenômeno da redução do E e O -átonos pretônicos na palavra

46- “borboleta”. Enquanto que S4, S5 e S6, que são escolarizadas, juntamente com S1, que é analfabeta, efetuaram esse fenômeno na palavra 84- “escola”.

Especificamente na fala da S3, S4, S5 e S6, pode-se observar a reprodução do fenômeno nas palavras 25- “colher” e 74- “seguro”, ambas produzidas sob o efeito da monotongação. Contudo, os léxicos: 29- “cebola”, 30- “tomate”, 36- “bota”, 69- “desvio”, 94- “correio”, 100- “companheiro”, 111- “coroa”, 114- “orelha”, 119- “coração”, 126- “desmaio”, 148- “dormindo” e 151- “encontrar”, que também estavam em investigação, não sofreram a realização do fenômeno linguístico investigado. Podemos visualizar, portanto, na seguinte tabela 6:

TABELA 6: REDUÇÃO DO E e O - ÁTONOS PRETÔNICOS						
Pergunta	Sujeito 1	Sujeito 2	Sujeito 3	Sujeito 4	Sujeito 5	Sujeito 6
3	[pratʃe'lerΛ]	[pratʃi'lerΛ]				
6	[ti'zorΛ]	[te'zorΛ]	[te'zowrΛ]			
8	['traviseyrU]		[trave'seyrU]			
22	['zohdurΛ]					
25	[ko'λeh]	[ku'λeh]				
29	['sebolΛ]					
30	[to'matʃI]					
36	['botΛ]			[bo'tΛh]	['botΛ]	[bo'tΛh]
37	[bu'ɲitU]					
46	['bohboletΛ]	['buhbuletΛ]	[bohbo'letΛ]			
67	['iftradΛ]					
69	[deʃ'viU]					
74	[se'gurU]	[si'gurU]				
81	[i'pregU]	[ẽ'pregU]	[i'pregU]			
84	[iʃ'kəlΛ]	[eʃ'kəlΛ]		[iʃ'kəlΛ]		
87	[bu'RafΛ]	[bo'RafΛ]				
94	[ko'ReyU]					
100	[kõpã'ɲerU]					
106	[mĩ'tʃirΛ]	[mẽ'tʃirΛ]				

111		[ˈkoroʌ]
114		[oreˈʌʌ]
119		[koraˈsãw]
<b>122</b>		[ˈzueʌU]
<b>123</b>	[fiˈridʌ]	[feˈridʌ]
126		[deʃˈmaiU]
148		[dohˈmĩdU]
<b>149</b>		[asuˈbiw]
151		[ẽˈcõtrʌh]
<b>158</b>		[ˈiʃkehdu]

Partindo da análise do fenômeno da desnasalização das vogais postônicas, podemos depreender que somente ocorreu na palavra 75- ‘passagem’, reproduzida pela maioria dos sujeitos (exceto S3) como [pɑˈsagi], enquanto S3 pronunciou [pɑˈsage]. Em sua totalidade, as mulheres investigadas realizaram este fenômeno. Em contrapartida, a palavra ‘homem’, que também era uma possibilidade de ocorrência, não sofreu variação em relação ao fenômeno analisado.

TABELA 7: DESNASALIZAÇÃO DAS VOGAIS POSTÔNICAS						
Pergunta	Sujeito 1	Sujeito 2	Sujeito 3	Sujeito 4	Sujeito 5	Sujeito 6
<b>75</b>	<b>[pɑˈsagi]</b>		<b>[pɑˈsage]</b>	<b>[pɑˈsagi]</b>		
128	[õˈmẽy]					

Por último, a contração das proparoxítonas em paroxítonas não ocorreu em nenhum dos sujeitos com nenhuma das palavras em questão, são elas: 10- ‘lâmpada’, 11- ‘elétrico’, 15- ‘fósforo’, 17- ‘pólvora’, 32- ‘abóbora’, 39- ‘árvore’, 60- ‘sábado’, 66- ‘número’, 118- ‘fígado’, 127- ‘vômito’, 133- ‘único’ e 157- ‘hóspede’. Tal fenômeno não se realizou, por conseguinte, nem na fala de mulheres escolarizadas, nem na fala de mulheres analfabetas. Segue-se a tabela 8:

TABELA 8: CONTRAÇÃO DAS PROPAROXÍTONAS EM PAROXÍTONAS						
Pergunta	Sujeito 1	Sujeito 2	Sujeito 3	Sujeito 4	Sujeito 5	Sujeito 6
10	[ˈlãpɑɖɐ]					
11	[ɛˈlɛtrikU]					
15	[ˈfɔʃforo]	[ˈfɔʃforU]				
17	[ˈpɔwvurɐ]					
32	[ɑˈbɔborɐ]	[ɑˈbɔburɐ]				
39	[ˈahvurI]	[ˈahvorI]				
60	[ˈsabadU]					
66	[ˈnumerU]					
118	[ˈfigadU]					
127	[ˈvõmitU]					
133	[ˈuɲikU]					
157	[ˈɔʃpidʒi]					

Infere-se que o motivo pelo qual alguns fenômenos ocorrerem e outros não seja o meio exterior onde os sujeitos entrevistados mantêm contato e interação socioculturalmente. Nesse sentido, há ainda fenômenos os quais apenas algumas palavras sofrem alteração. Acreditamos, portanto, que há um policiamento na fala, este, em algumas ocasiões, não se sobrepõe à dinamicidade da fala, é quando realizam-se os fenômenos linguísticos.

#### 4 INCIDÊNCIA DOS FENÔMENOS

Após a realização da análise qualitativa dos dados obtidos, é imprescindível executar uma análise quantitativa, visualizando gráficos para observar a frequência dos fenômenos em cada sujeito - incidência de palavras reproduzidas com um dos fenômenos linguísticos pelos entrevistados - e a incidência desses fenômenos em relação aos grupos: analfabetos e ensino superior completo.

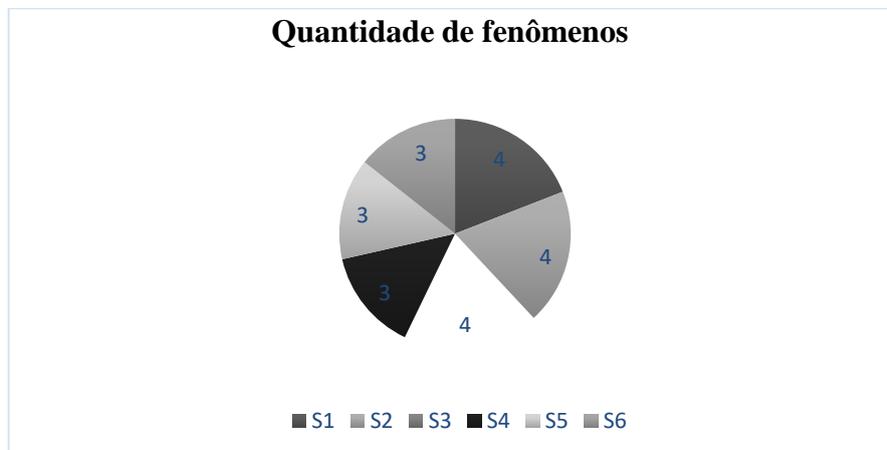
Dos oito fenômenos linguísticos estudados, apenas quatro ocorreram em pelo menos um dos seis sujeitos entrevistados, foram eles:

- Redução do ditongo OU em O;
- Redução do ditongo EI em E;
- Redução de E e O – átonos pretônicos;
- Desnasalização dos postônicos;

## 4.1 NOS SUJEITOS

A quantidade de fenômenos ocorridos foi maior nos sujeitos analfabetos (S1, S2 e S3). Dos oito fenômenos, quatro aconteceram, em contrapartida, houve apenas uma diferença de um fenômeno entre os sujeitos analfabetos e os sujeitos com ensino superior completo (S4, S5 e S6), os quais esses reproduziram apenas três dos oito fenômenos. A diferença de um fenômeno entre os grupos ocorreu na redução do ditongo OU em O. Segue o gráfico 1 abaixo:

**GRÁFICO 1**



Podemos observar a diferença ínfima na quantidade de fenômenos reproduzidos em cada sujeito, apesar da divergência entre seus graus de escolaridade.

## 4.2 NAS PALAVRAS POR CADA SUJEITO

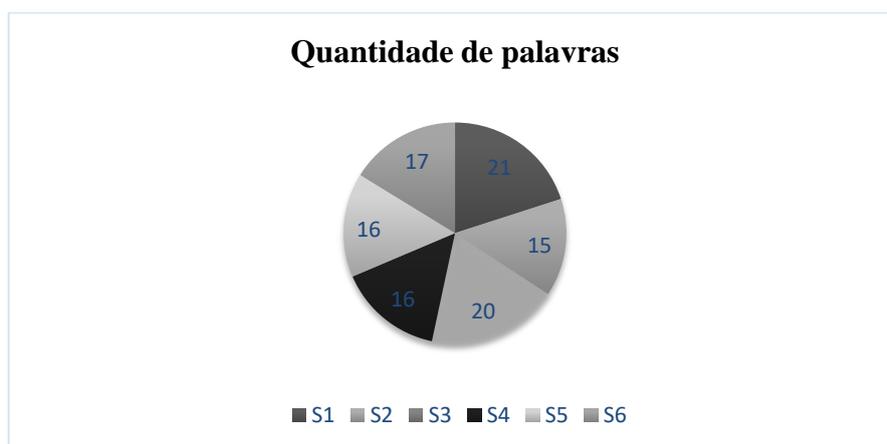
Partindo do conhecimento de que algumas palavras tinham possibilidade de ocorrer em mais de um fenômeno, analisamos a quantidade de vezes as quais houve

reprodução de fenômenos nas palavras em questão, mesmo que uma delas tenha sofrido mais de um fenômeno linguístico.

Das 159 palavras do QFF, 85 tinham possibilidade de reprodução de um dos fenômenos, sendo 11 palavras repetidas, isto é, possibilidade em mais de um fenômeno. Entre elas, houve reprodução de fenômenos em 26 palavras por pelo menos um sujeito.

O S1 reproduziu 21 vezes as palavras em questão, seguido por S2 com 15 vezes e S3 com 20 vezes, todos analfabetos. Já os com ensino superior completo, S4 e S5 reproduziram 16 vezes e S6 17 vezes. Nota-se, portanto, que o S1, analfabeto, reproduziu maior quantidade de palavras com um dos fenômenos propostos, enquanto que S2, também analfabeto foi o que menos reproduziu, como podemos ver no gráfico 2 abaixo:

**GRÁFICO 2**



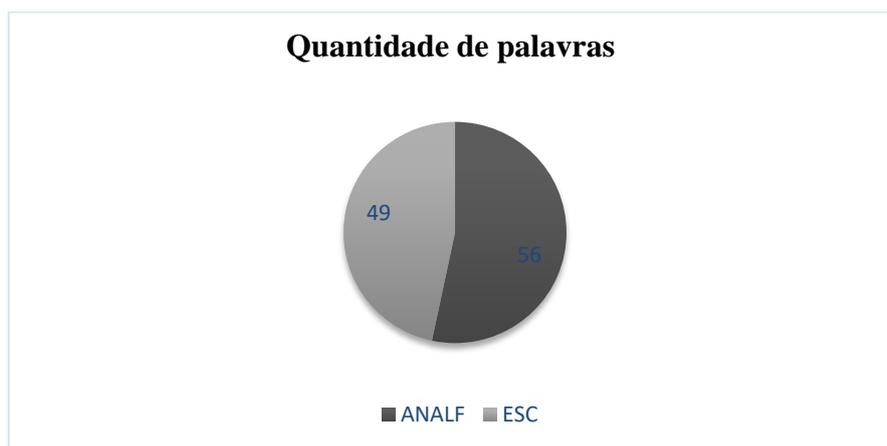
Apesar de S1, pertencente ao grupo dos analfabetos ter reproduzido a maior quantidade, não há uma diferença tão grande entre os sujeitos, diferença de no mínimo 1 e no máximo 5 palavras, tendo como referencial o S1.

#### **4.3 NA VARIÁVEL “GRAU DE ESCOLARIDADE”**

Ao final dessas análises por cada sujeito e fazendo uma comparação entre os grupos, sendo S1, S2 e S3 componentes do grupo dos analfabetos e S4, S5 e S6 do

grupo dos que possuem ensino superior completo, percebemos que houve apenas uma diferença de 7 palavras, pois analfabetos reproduziram os fenômenos 56 vezes e os sujeitos com ensino superior completo reproduziram ao todo 49 vezes.

**GRÁFICO 3**



O terceiro gráfico, mais uma vez, comprova a quase que insignificante discrepância entre os sujeitos.

## 5 RESULTADOS

Portanto, mesmo que os sujeitos analfabetos juntos tenham reproduzido a maior quantidade, tanto de fenômenos quanto de palavras, não há uma diferença tão grande entre os grupos de acordo com a variável grau de escolaridade, pois, como, por exemplo, no gráfico da quantidade de palavras, S1 analfabeto apresentou a maior incidência, porém S2, também pertencente ao grupo dos analfabetos, apresentou a menor incidência em relação a todos os seis sujeitos entrevistados. Tal conclusão pode ter razão em diversos fatores, como, entre os sujeitos com ensino superior completo, pode ter havido a prática do policiamento da fala, fazendo com que algumas palavras não tenham sofrido fenômeno, enquanto que outras sofreram, ou até mesmo a convivência social desses indivíduos, pois não podemos atribuir o policiamento da fala aos sujeitos analfabetos, uma vez que esses, teoricamente, desconhecem a estrutura escrita das palavras.

Diante disso, é errôneo determinar que indivíduos com grau de escolaridade mais baixo que outros são os que mais falam “errado”, com maiores desvios da norma padrão e maior reprodução de fenômenos linguísticos, já que as amostras coletadas mostram a insuficiência desse discurso gerado pelo preconceito social e linguístico.

O preconceito linguístico sofre uma relação de mutualismo com a segregação social, pois o que se observa são discursos discriminatórios que excluem a variação linguística e a dinamicidade da língua, isso porque ainda hoje a valorização da linguagem gráfica é muito recorrente, subestimando a linguagem oral e seu contexto, seja ele histórico, cultural, social, geográfico e/ou econômico.

### **Considerações Finais**

Este estudo nos fez analisar a ocorrência e a frequência de alguns fenômenos fonético-fonológicos na fala de seis indivíduos, foram eles, mulheres, com mais de 50 anos e moradoras de Belém do Pará, considerando a variável do grau de escolaridade: três analfabetas e três com ensino superior completo. Verificamos que dos oito fenômenos analisados, quatro ocorreram na fala dos sujeitos analfabetos e três nos sujeitos com ensino superior completo, diferenciando em apenas um fenômeno, com incidência maior no sujeito três e menor no sujeito um, ambos analfabetos.

Obtivemos um resultado de diferença ínfima de ocorrência de fenômenos entre sujeitos analfabetos e com ensino superior completo. Com esta pesquisa, percebemos que o grau de escolaridade não influencia diretamente na fala. Pode, mas não é o caso. Precisamos pesquisar além das variáveis disponíveis, outras como: nível de leitura, ambiente de trabalho, influência dos familiares e conviventes, entre vários outros fatores.

Devemos considerar também a dinamicidade da oralidade em uma língua, pois é muito mais acelerada a evolução desta a que a da linguagem escrita. Isso nos mostra que a ocorrência de variações linguísticas na fala dos sujeitos ocorre de forma homogênea e não heterogênea, como ouvimos ou até mesmo deduzimos empiricamente que os sujeitos menos letrados falam de forma ‘errada’ e nos faz refletir também sobre o

preconceito linguístico como fator de exclusão social, ainda muito presente em nossa sociedade.

### Referências

- BAGNO, Marcos. **A Língua de Eulália**: novela sociolinguística. 15. Ed. São Paulo: Contexto. 2006.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 49. Ed. São Paulo: Edições Loyola. 2007.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2009.
- CEZARIO, Maria Maura. VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: Martelotta, M.E. (Org.) et al. **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.
- FARACO, Carlos Emilio; MOURA, Francisco Marto de. **Gramática**. 9. Ed. São Paulo: Ática, 2004.

Recebido Para Publicação em 15 de março de 2020.  
Aprovado Para Publicação em 13 de maio de 2020.